

PERSONALIDADES DO SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL

ENTREVISTA COM MARIA GLÍCIA DA NÓBREGA COUTINHO

A Assessoria de Comunicação, em parceria com o Comitê Pró Equidade de Gênero e Raça preparou uma série de entrevistas com personalidades que fazem a diferença em nossa empresa. São pessoas que tiveram um papel importante na história da CPRM, prestes a completar 50 anos. Nossa entrevistada é uma das primeiras mulheres a se formar em geologia no país e a ocupar um cargo de destaque na instituição. Maria Glícia Coutinho disse que foi na infância que se apaixonou pela geologia e que se sente realizada nessa profissão. Confira a entrevista em que ela fala sobre a sua experiência de trabalhar na CPRM.



São quantos anos na CPRM?

É interessante afirmar que trabalho para a CPRM há 50 anos, antes da sua fundação, desde janeiro de 1968, sendo, portanto, a empregada com maior tempo de serviço prestado a instituição.

Em dezembro de 1967 recebi o BSc em Geologia pela Escola de Geologia de Recife, hoje UFPE. Em janeiro de 1968 fui convidada pelo então Diretor-Geral do DNPM, Prof. Eng. Francisco Moacyr de Vasconcellos, meu ex-professor, para trabalhar no Projeto Potássio, em Aracajú, SE. Na ocasião, tendo como Ministro de Minas e Energia o Prof. Antonio Dias Leite, discutia-se o desmembramento do DNPM e a criação da CPRM. E, na definição da formação do capital de constitucionalização da “nova” empresa, sob a condução do DNPM foi implantado o Projeto Potássio para avaliar a jazida de potássio e magnésio na bacia sedimentar SE-AL, e incorporá-la como um dos itens do capital da CPRM, juntamente com o Palácio das Geociências na Av. Pasteur, 404.

Concluído o projeto, a equipe executora, da qual eu fazia parte, por determinação do Dr Moacyr – primeiro diretor de operações da CPRM, foi incorporada ao quadro técnico da recém criada empresa – CPRM. E, assim, após quase 3 anos “já trabalhando contratada, por recibo, pelo DNPM para a CPRM”, em primeiro de janeiro de 1971 a minha carteira de trabalho foi assinada pela CPRM, onde permaneço até hoje. Nesse período trabalhei em quase todas as unidades técnicas da empresa, da geologia a pesquisa mineral, passando, antes, por laboratório e geologia marinha.

Você é a segunda geóloga do Brasil formada em 1967 pelo primeiro curso de geologia. De lá para cá, muitas outras mulheres seguiram em direção ao trabalho acadêmico em geologia. Como você considera esse avanço para o país?

Sou da Turma Decenária da Geologia da UFPE – formada por 26 homens e eu - a única mulher da geologia – num ambiente dominado, exclusivamente, pela presença masculina, porém amigável. Na primeira turma da escola, 1957, havia uma mulher – geóloga Zenaide Fonseca, e após concluir seu curso, transcorridos 4 anos, nenhuma mulher mais havia escolhido a geologia.

Penso que, em função de ser um curso extremamente pesado, concentrando uma grade escolar de 5 anos em 4, com aulas diárias das 7 às 18 horas, de segunda as sextas-feiras, além de excursão de campo todos os sábados, gerou um mito que o curso de geologia tinha “características masculinas”. Por outro lado, os trabalhos de campo, totalizando 54 semanas de campo, era outro componente que em muito contribuiu para firmar essa “cultura”, onde a mulher não tinha vez.

Hoje, vejo com alegria que, após meu ingresso na geologia, todos os anos a presença feminina continua aumentando, e a profissão exercida em condições mais adequadas e com melhor segurança no trabalho. Tenho acompanhado colegas com significativa contribuição para o conhecimento geocientífico da geologia brasileira, onde muito ainda há para ser pesquisado para o melhor entendimento sobre a potencialidade mineral - incluindo-se a água - no Brasil.

Na sua opinião, como a CPRM trata as questões de igualdade de gênero?

No início da profissão como primeira mulher a fazer geologia de campo na CPRM enfrentei dificuldades. Na CPRM a equidade de gênero reflete algo muito mais abrangente, intrinsecamente relacionado à questão cultural. Na América Latina têm sido registrados alguns avanços quanto à equidade de gênero, porém o processo é lento e não é homogêneo, inclusive no Brasil, país com extensão continental, onde o regionalismo é marcante. A educação básica é o ponto essencial para se viabilizar mudanças comportamentais. Transformações dessa magnitude para serem efetivadas exigem políticas públicas e comprometimento da sociedade civil como um todo. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU abordam, com propriedade, este tema.

Fale sobre a experiência de ocupar um cargo de liderança na empresa

Tarefa difícil, porém prazerosa. As ações da área internacional da CPRM devem apresentar consonância com as diretrizes do MME, e consistência com a política externa preconizada pelo MRE. São ações pautadas segundo os princípios da solidariedade, igualdade entre os povos, e união entre as nações, que têm por objetivos desenvolver cooperação técnica e/ou prestação de serviço com países e organizações estrangeiras. A cooperação técnica é, portanto, forte instrumento de desenvolvimento da pesquisa técnico-científica, fundamentada em ato internacional entre governos e consolidada por Convênio Interinstitucional. Consolidar interesses bilaterais é uma tarefa que exige habilidade.

Por outro lado, a tarefa de conciliar e consolidar objetivos internos, nas diferentes áreas técnicas de atividades-fim da CPRM, constitui-se o grande desafio. O não entendimento por parte dos técnicos que no cenário internacional não há compartimentação por diferentes áreas, e sim pensar a CPRM como uma só, representando a imagem do País, gera frequentes turbulências. Por isso o papel da direção é importante - comprometimento com os assuntos internacionais - para amenizando conflitos internos, disciplinar ações individuais desprovidas de visão institucional, para assegurar sucesso as ações externas. Sem esse apoio o desafio para a área internacional torna-se muito difícil.

Qual dica você dá para as leitoras que pretendem ser geólogas?

Como mulher profissional e pioneira da geologia do Brasil, com 50 anos de exercício, sem interrupção, confesso que trabalhar como geóloga e ser respeitada, pelo fato de ser mulher e que essa condição não se tornasse um obstáculo ao meu crescimento profissional, exigi até hoje muita determinação, discernimento e capacitação, além de dedicação permanente. Uma forte base técnico-científica é essencial para fundamentar decisões e defender como a geologia pode prover condições para o desenvolvimento socioeconômico do país, em base sustentável, propiciando bem-estar a população. Daí, ter passado 5 anos no Royal Holloway College, London University, UK, com bolsa de estudo do CNPq, onde obtive o MPhy e PhD em Geologia, com ênfase no estudo da definição de modelos de mineralização. Porém, não posso assegurar que esses critérios garantam o sucesso da mulher geóloga, porém ajudam muito.

E você, quer compartilhar a sua história?

Envie um e-mail para proequidade@cprm.gov.br